

# Anatomia de uma epidemia: Pílulas Mágicas, Drogas Psiquiátricas e o Aumento Assombroso da Doença Mental (Robert Whitaker)

*Anatomy of an Epidemic: magic  
bullets, psychiatric drugs, and the  
astonishing rise of mental illness in  
America (Robert Whitaker)*

**Vinicius Pinheiro de Magalhães**

## Resumo

O presente texto objetiva resenhar criticamente a obra do jornalista investigativo Robert Whitaker “Anatomia de uma epidemia: Pílulas Mágicas, Drogas Psiquiátricas e o Aumento Assombroso da Doença Mental”. O autor traz uma significativa contribuição para o campo da Saúde Mental com este livro, na medida em que denuncia a influência das corporações industriais farmacêuticas na criação e propagação de um paradigma “científico” que até hoje tem hegemonia no tratamento da pessoa com sofrimento mental, além de contribuir para o fortalecimento de experiências alternativas não medicamentosas de tratamento deste público. Não à toa, desde 2010, essa obra já foi traduzida em nove idiomas; o que mostra sua relevância temática e sua capilaridade no mundo.

## Palavras-chave

Transtornos Mentais, Psiquiatria, Epidemia.

## Abstract

*This paper aims to critically review the work of investigative journalist Robert Whitaker “Anatomy of an Epidemic: magic bullets, psychiatric drugs, and the astonishing rise of mental illness in America”. The author gives a significant contribution to the field of Mental Health with this book, in that it denounces the influence of pharmaceutical industrial corporations in the creation and propagation of a “scientific” paradigm, which has been a hegemony in the treatment of mental disorders. Besides, Whitaker also contributes to the strengthening of alternative non-drug treatment experiences for this public. Due to its relevance, since 2010, this work has already been translated into nine languages, what shows its thematic significance and its capillarity in the world.*

## Keywords

*Mental Disorders, Psychiatry, Epidemic.*

**Vinicius Pinheiro de  
Magalhães**

**Universidade Federal de  
Sergipe - UFS**

Graduado em Serviço Social pela  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia - UFRB.  
Mestrando pelo Programa de  
Pós-graduação em Serviço Social  
da Universidade Federal de  
Sergipe - PROSS. Áreas de  
discussão: Serviço Social,  
trabalho, formação profissional,  
Saúde Mental e  
Religiosidade/Espiritualidade.

**viniciuspmaga@gmail.com**

Em tempos de pós-modernidade, onde o sofrimento não pode ser tolerado e a medicalização da vida é uma estratégia para fugir da dor de existir, surge a obra “Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental”.

Esse livro mostra sua importância e relevância para o campo da Saúde Mental pelo fato da tradução de seu conteúdo em nove idiomas desde a primeira edição americana de 2010. A presente edição publicada pela Editora Fiocruz, pela primeira vez traduzida ao português, vem confirmar o compromisso dessa obra com práticas de saúde mais humanas; as quais a Fundação Oswaldo Cruz é signatária.

O jornalista investigativo Robert Whitaker faz uma série de denúncias ao que se chamou de “Indústria da loucura”; o que dá a esta obra um caráter profundamente político que afeta interesses de grandes corporações médicas. Começo por escrever essa advertência inicial para que se possam compreender as constatações que destoam do paradigma de atenção à pessoa com sofrimento mental vigente na maior parte do mundo.

O objetivo da obra é verificar a natureza da epidemia de transtornos mentais presente nos Estados Unidos. A psiquiatria moderna se jacta de ser uma das especialidades médicas que mais avançou no âmbito da ciência. Whitaker propõe a seguinte problemática: Como compreender o avanço científico da psiquiatria ao lado do crescimento “assombroso” das doenças mentais?

O autor divide sua obra em cinco partes: A epidemia; a ciência das drogas psiquiátricas; resultados; explicação de uma ilusão; e soluções.

Na primeira parte do livro Whitaker desenvolve o problema da epidemia das doenças mentais nos Estados Unidos afirmando que a criação da droga psiquiátrica Thorazine (vendida comercialmente no Brasil como Amplitil) após a década de 1950 e a chegada do Prozac na década de 1980 não trouxeram impactos positivos no âmbito da saúde mental como a Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria (APA) propagava. Consultados os dados sobre invalidez referentes à Renda Complementar da Previdência (SSI) e das pensões do Seguro da Previdência Social por Invalidez (SSDI) constatou-se um crescimento vertiginoso dos inválidos por doença mental, incluindo crianças, no mesmo período de euforia da psiquiatria americana pela criação das drogas psiquiátricas supracitadas. Está posto pelo autor o problema que norteará sua investigação em busca da natureza da epidemia das doenças mentais através de pesquisa na literatura científica e de estudos de caso com adultos e crianças que tiveram experiências marcantes com o uso do medicamento no tratamento do sofrimento mental.

Robert Whitaker na segunda parte do livro faz uma trajetória histórica para descobrir as raízes da propalada epidemia. O autor expõe a história de Paul Ehrlich, cientista alemão do século XIX criador da “pílula mágica”; pílula que combateria doenças infecciosas. Ehrlich inspirou muitos cientistas do século seguinte que, em tempos de guerra mundial, desenvolveriam drogas extremamente importantes para a cura de doenças biológicas. Ainda nessa conjuntura de final do século XIX e início do século XX a psiquiatria mostra sua limitação no tratamento das pessoas com sofrimento mental com a manifestação de um cenário catastrófico intensificado pela segunda guerra. É desse período a vinculação da psiquiatria à perspectiva biológica da medicina que ascendia com o advento das drogas para doenças físicas. A criação em 1949 do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) ficaria no encargo de garantir uma atenção mais eficaz aos doentes mentais, justamente na conjuntura em que eficácia era o melhor termo que definiria o resultado dos medicamentos contra as doenças físicas.

Essa perspectiva do autor torna explícita sua crítica a vertente biologicista da psiquiatria; vertente que desconsidera os aspectos psicológicos como fatores de desencadeamento do sofrimento mental, e que, portanto, precisa ser tratado numa abordagem medicamentosa, à semelhança das doenças físicas.

O autor ainda na segunda parte do livro expõe a trajetória do desenvolvimento das “pílulas mágicas” no âmbito da psiquiatria. É aqui que Whitaker faz uma primeira denúncia mais enfática ao afirmar que as primeiras drogas propostas para tratamento das doenças mentais são resultantes de “[...] pesquisas [...] para encontrar pílulas mágicas contra doenças infecciosas” (WHITAKER, 2017, p. 69), que por seus efeitos se tornaram tranquilizantes leves e estimulantes psíquicos e que o NIMH transformou em antipsicóticos; a partir de sucessivas publicações de pesquisadores da referida instituição. A doença mental passa a ser um desequilíbrio químico do cérebro, mais especificamente da serotonina e dopamina, que precisa ser controlado mediante uso contínuo das drogas “mágicas” (Thorazine, Miltown e Marsilid) – tese contraditada pelos estudos de Malcolm Bowers; Joseph Mendels e Alan Frazer; James Maas; David Burns; e David Healy.

Na terceira parte de sua obra – parte que considero a mais importante por traçar os dados da literatura científica referentes a ineficácia das drogas psiquiátricas – o autor pretende descobrir quais os resultados dessa abordagem da psiquiatria de tratar o sofrimento mental como um desequilíbrio químico do cérebro. No que se refere a esquizofrenia Whitaker fez uma extensa pesquisa que congregou diversos nomes de autores que refletiam sobre os impactos das drogas psiquiátricas a longo prazo, a saber: Cole, Bockoven, Rappaport, Carpenter, Mosher, Harding, OMS (Organização Mundial da Saúde) e Harrow. Os resultados a que o autor chegou concluíram que não existem comprovações de que as drogas psiquiátricas melhorem a psicose em longo prazo, ao contrário, os indícios mostram que o uso contínuo dos remédios torna “[...] os pacientes mais vulneráveis à psicose” (WHITAKER, 2017, p. 129); evidenciam também que “[...] as taxas de recuperação a longo prazo são mais altas entre pacientes não medicados” (WHITAKER, 2017, p. 129); e concluem com a constatação de que tanto a discinesia tardia quanto as alterações morfológicas do cérebro – alterações que prejudicam a função cognitiva – são resultantes do uso dos antipsicóticos.

Em seguida Robert Whitaker propõe essa mesma perspectiva de análise feita com a esquizofrenia para tratar da ansiedade. O autor denuncia a indústria das Benzodiazepinas (Miltown e Valium) como recurso para tratamento da ansiedade. A revisão da literatura científica mostrou que os benzodiazepínicos têm uma eficácia de curto prazo e provoca sérias crises de abstinência:

Além da ansiedade de rebote, os pacientes podiam sofrer de insônia, convulsões, tremores, dores de cabeça, embotamento da visão, tinnitus auditivos, extrema sensibilidade ao ruído, sensação de insetos rastejando no corpo, pesadelos, alucinações, depressão extrema, despersonalização e desrealização (WHITAKER, 2017, p. 145).

Os efeitos a longo prazo com o uso do medicamento à base de benzodiazepina, que promete tratar a ansiedade, são assustadores: “[...] ansiedade aumentada, comprometimento cognitivo e declínio funcional” (WHITAKER, 2017, p. 149). No caso da depressão os resultados são semelhantes. Os antidepressivos também têm efeito de curta duração e em longo prazo, de acordo com pesquisadores como H. P. Hoheisel; Nikola Schipkowensky; J. D. Van Scheyen; Robert Prien; e Ross Baldessarini,

parecem cronificar os sintomas da melancolia: “Era como se a pessoa tratada com o antidepressivo ficasse, aos poucos, cada vez menos capaz de viver sem ele, no sentido fisiológico” (WHITAKER, 2017, p. 169). Estudos dirigidos por pesquisadores do Reino Unido, Holanda, Canadá e OMS também demonstraram que a depressão não medicada proporciona progresso para saúde mental com redução dos sintomas da melancolia.

Whitaker analisa ainda os resultados da droga psiquiátrica nas pessoas diagnosticadas com transtorno bipolar. A bipolaridade é um diagnóstico recente do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Distúrbios Mentais (DSM-III) da década de 1980 e se convencionou tratá-la com o Lítio a partir da década de 1970; graças aos acordos da Administração Federal de Alimentos e Medicamentos (FDA) com a APA. De acordo com a revisão da literatura científica feita pelo autor o Lítio prejudica a função intelectual e os movimentos motores; causa amortecimento cerebral e embotação da mente. O tratamento maníaco-depressivo feito a base de antidepressivos também cronifica a bipolaridade encurtando os “interlúdios assintomáticos” – que por muito tempo foi característica deste tipo de transtorno. Além de o uso contínuo de antipsicóticos e antidepressivos no tratamento da bipolaridade resultarem também em declínio nos resultados funcionais e prejuízo cognitivo dos pacientes. Essa tese é fortalecida com a exposição do estudo de Harrow, que constatou que os pacientes maníaco-depressivos que pararam de tomar remédios se saíram melhor do que aqueles que continuavam fazendo uso contínuo dos coquetéis medicamentosos.

Outro transtorno que passou a ocupar o DSM-III foi o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade – TDAH. Tornou-se necessária, também, a medicalização das crianças. A Ritalina utilizada para o tratamento deste tipo de transtorno, conforme a revisão da literatura científica, promovia menos felicidade; ferimento na autoestima; depressão; solidão; sentimento de inadequação; e prejuízo da capacidade de resolução de problemas. Os resultados do medicamento foram considerados positivos, pois permitiam mais controle da espontaneidade das crianças.

Os fármacos alteram o comportamento da criança hiperativa, a curto prazo, de um modo que os professores e alguns pais consideram útil, mas, afora isso, os medicamentos apequenam de muitas maneiras a vida da criança, e podem transformá-la num adulto com uma capacidade fisiológica reduzida de sentir prazer (WHITAKER, 2017, p.237).

Nos anos 2000 o Prozac passou a ser utilizado também por crianças e adolescentes. Com este medicamento todas as consequências pelo uso indiscriminado e sem fundamento científico dos antidepressivos, como já supracitado, também afetaram esse novo público. “Primeiro houve o aumento explosivo do TDAH, em seguida veio a notícia de que a depressão infantil corria solta e, não muito depois, no fim da década de 1990, o transtorno bipolar juvenil irrompeu na cena pública” (WHITAKER, 2017, p. 240). Um dado que merece destaque nessa exposição é o de crianças “doentes mentais graves” que recebem auxílio ou pensão. Em 1987 cerca de 6% do total de crianças e adolescentes recebiam auxílio ou pensão por problema psiquiátrico, em 2007 esse percentual cresce e corresponde a 50%.

Na quarta parte de seu trabalho Whitaker tenta entender o motivo da ascensão ideológica da psiquiatria biológica mesmo sem legitimidade científica concreta. As décadas de 1960 e 1970 para a psiquiatria foram extremamente nebulosas. Os resultados científicos negativos à perspectiva biomedicamentosa criou um ambiente favorável para a crítica da psiquiatria. As críticas de Thomas Szasz e de intelectuais da antipsiquiatria (Foucault; Laing; Cooper e Goffman) fizeram a psiquiatria passar por tempos sombrios. Ao lado desses críticos a indústria da terapia (freudiana)

disputava os pacientes com os médicos psiquiatras. Entretanto, como Whitaker sabiamente analisa, a crise da psiquiatria nas décadas de 1960-1970, sobretudo, se deu pelo fato do mau funcionamento dos psicotrópicos. Era preciso promover ideologicamente os medicamentos. Esse foi o pano de fundo para a militância dos médicos psiquiatras biologicistas vinculados a APA, que criaram o DSM-III para superar o ranço freudiano presente no DSM-II. Além da criação desse novo manual diagnóstico a APA utilizou os meios de comunicação como instrumento para propagar a ideologia medicamentosa à revelia dos resultados científicos. Essa militância em favor da perspectiva biologicista-medicamentosa congregou a APA, a Indústria farmacêutica, o NIMH e a Aliança Nacional para os Doentes Mentais – NAMI: “As companhia farmacêuticas entraram com a força financeira. A APA e os psiquiatras das melhores faculdades de medicina conferiram legitimidade intelectual à empreitada. O NIMH após o selo de aprovação do governo na história. A NAMI forneceu a autoridade moral” (WHITAKER, 2017, p. 287).

Outro elemento citado pelo autor que promoveu a ideologia das drogas psiquiátricas foi as mentiras sobre os psicotrópicos, divulgadas por pesquisadores (muito bem pagos) – no âmbito da ciência – e pela mídia. Podemos citar o caso do Prozac e Zyprexa da empresa Eli Lilly; o Xanax da Upjohn; e o Risperdal da Janssen – Todas as mentiras patenteadas e subscritas pela APA e o NIMH. Um dos elementos centrais para a promoção desta ideologia está na ocultação sistemática dos resultados científicos de um período que compreende os anos de 1990-2008 – de pesquisadores e instituições as mais diversas: OMS, NIMH, Universidades da Pensilvânia; Harvard; Toronto; Calgary; Illinois; e cientistas canadenses; australianos e franceses – que não foram divulgados nos meios de comunicação.

O autor não deixou de lado a questão econômica que esteve por trás da ascensão ideológica dos psicotrópicos. A exemplo da Eli Lilly, Whitaker mostrou que a empreitada dos medicamentos psiquiátricos é lucrativa “[considerando] o período de 13 anos entre 1987 e 2000 [...] o valor da Eli Lilly na Wall Street subiu de 10 bilhões para 90 bilhões de dólares” (WHITAKER, 2017, p. 329). A indústria farmacêutica precisou de ajuda para alcançar esse sucesso no mundo dos negócios. As empresas contratavam os chamados “grandes líderes formadores de opinião” – LFOs – psiquiatras de centros médicos acadêmicos importantes – para propagarem sua ideologia biomedicamentosa. Os valores pagos aos LFOs para palestrarem em eventos “científicos” variavam de 160.000 a 960.000 dólares. Além dos LFOs as empresas farmacêuticas contratavam também os médicos locais para propagação de seus produtos psicotrópicos e ofereciam brindes e jantares gratuitos – Esses médicos também eram muito bem pagos para esta missão. O autor deixa claro em sua obra que as transações ilícitas que ocorreram nos bastidores da indústria farmacêutica foram pagas por todos os cidadãos.

Concluindo seu livro o autor propõe agora, depois de constatada que a epidemia de transtornos mentais nos Estados Unidos é de natureza iatrogênica, uma análise de experiências alternativas – que tentam superar o antigo paradigma biomedicamentoso da psiquiatria – de tratamento das pessoas com sofrimento mental. Consultou David Healy, psiquiatra que cuida de pacientes no Hospital Geral Distrital em Gales do Norte, que em sua experiência, após consultada a literatura científica, propôs uma atenção que primeiro “observa e espera” antes de prescrever medicamentos, na esperança de que uma “recuperação natural pode ocorrer” (WHITAKER, 2017, p. 343). O autor visitou a Lapônia Ocidental, na Finlândia, e aprendeu sobre o tratamento “adaptado à necessidade” inaugurado por Yrjö Alanen, e sobre a terapia do “diálogo aberto”, proposto por Jaako Seikkula. Essas experiências baseiam-se numa terapia do grupo familiar, que reduz drasticamente o elemento medicamentoso e que proporciona ótimos resultados a longo prazo. Sobre o Reino Unido, estudou o Instituto Nacional Pró-Saúde e Excelência Clínica que tornou os antidepressivos não

recomendáveis para tratamento inicial, o que levou os clínicos gerais a prescreverem receitas de exercício físico para esse público – essa experiência não medicamentosa também vem demonstrando bons resultados. Visitou o Centro Sêneca (Instituição para jovens com transtornos graves), em San Leandro, na Califórnia. As crianças de lá são tratadas sem medicamentos, além de ser feito um processo de desmame daquelas acostumadas a utilização dos coquetéis medicamentosos. As crianças voltam a ter vida após o desmame; relatam os trabalhadores da instituição. E por fim relatou as experiências do projeto Alasca, que com a militância no âmbito do judiciário do advogado Jim Gottstein, tem tornado o medicamento cada vez mais raro naquela região, além de inaugurar a casa Soteria, que trabalha numa perspectiva não medicamentosa e de atenção psicossocial.

O desenvolvimento do trabalho de Robert Whitaker foi enriquecido com os relatos de crianças e adultos inválidos por doença mental, o que fortaleceu o caráter de concreticidade que a própria literatura científica já propunha com as afirmações da ineficácia dos psicotrópicos.

Essa obra é relevante para o campo da saúde mental no Brasil para que as experiências alternativas não medicamentosas sejam fortalecidas. Essa temática nos adverte quanto à influência das corporações industriais farmacêuticas na criação e propagação de um paradigma “científico” que até hoje tem hegemonia no tratamento da pessoa com sofrimento mental. Além de nos provocar, profissionais, usuários e militantes da saúde mental, a pensarmos de forma mais ampla, aberta, pública e sem receios sobre essas temáticas tão delicadas que são a da medicalização da vida e seu consequente fomento comercial.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 01/07/2017

**Aceito:** 04/08/2017

## Referências bibliográficas

WHITAKER, R. **Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.